

Porfírio Mendes da Silva
87 anos, Porto
Aluno de Informática
da Universidade
Sénior Contemporânea

Visita à Vista Alegre e ao Museu Santa Joana Princesa.

Vista Alegre

Aquela visita do dia oito de Maio, a terras de Aveiro, teve como principais virtudes a comunhão entre os membros da família USC e a visita à bicentenária fábrica de porcelanas da Vista Alegre em Ílhavo e, como complemento final, uma breve visita ao Museu Santa Joana Princesa, sito na baixa aveirense.

Assim; Nos domínios da nobre família Pinto Basto, em Ílhavo, visitamos demoradamente os vários painéis onde estavam expostas milhares de riquíssimas peças de fabrico Vista Alegre, começando pelas vidrarias e cristais que desde meados do século XVIII, ali foram concebidos e fabricados.

A simpática, versátil e muito competente guia/cicerone, contou-nos como ela tão bem sabe, todas as fases da evolução desde 1824 até aos conturbados dias de hoje, em que a economicamente conturbada indústria portuguesa, se afunda, e à qual não escapou a Cerâmica de Porcelanas que os Pinto Basto tanto, e tão bem, impulsionaram.

De facto, desde os objectos de vidro, até às preciosas peças de porcelana pintadas à mão, tudo pudemos gostosa e demoradamente apreciar.

Depois, como não podia deixar de ser, as madames foram fazer compras, nas lojas da própria fábrica. E era vê-las a sair afadigadas com os braços repletos de saquinhos azuis e brancos e outros amarelos, estes indicadores de que as peças neles contidas eram mais nobres e, por isso, mais caras.

Entretanto, chegou a hora do almoço, que aconteceu na cantina da própria fábrica, cuja óptima qualidade das instalações era evidente e se mostravam exemplarmente limpas e muito bem arquitectadas.

O serviço, do tipo "self service", estava de igual modo bem adaptado e foi com visível satisfação – eram já duas horas da tarde - que todos pudemos saborear o arrozinho branco, de manteiga, e os grelhados bifinhos de porco que ladeavam as tirinhas de alface.

Para ajudar a deglutição, um gostoso pãozinho de trigo.

Os complementos, inevitavelmente, foram a água, refrigerantes adocicados ou cerveja sem álcool.

Ah!..A sobremesa constou de uma taça de um leitoso e fracote creme , tendo como alternativa, uma fatia de gostoso bolo.

Depois, já com toda a gente mais palradora, lá fomos no nosso bólido

- o autocarro que nos transportou tinha frontalmente a forma de um foguete espacial – até à baixa, onde pudemos apreciar, parcialmente, digo parcialmente , porque o Museu estava a sofrer obras de restauro,

tendo vedadas aos visitantes várias áreas.

Porém, o que pôde ser visto, foi muito bem ciceronado e bem apreciado, especialmente o túmulo da Princesa Joana, que exhibe um precioso trabalho artístico em porcelana.

Não escapou aos visitantes do Mosteiro, um pormenor, descrito no painel explicativo sito no interior do refeitório onde as utentes se sentavam às longas mesas segundo as suas posições hierárquicas...

Na cabeceira da longa mesa, a madre e suas acólitas e depois, todas as outras servas de Deus, em ordem decrescente, até às noviças.

“Artisticamente”, a nossa visita estava terminada mas, como ainda era muito cedo para o regresso, foi decidido estacionar na baixa para tomar um refresco e um “sólido”, pois o arrozinho de manteiga, do almoço, já ia longe. Estacionamos na avenida principal mesmo junto às aveirenses e garridas gôndolas. Foi só atravessar e abancar.

Depois, nas pastelarias à nossa disposição, cada qual ingeriu o que quis e pôde. No regresso, à guisa de despedida, um grupinho mais folião, onde se destacava o laureado Tito Rodrigues, exibiu-se cantando, mas antes, o Tito, decidiu homenagear a nossa companheira Alice Guerra, a única natural da cidade de Aveiro presente no grupo, com uma quadra da sua autoria, em que louvando a cidade e as suas gentes, canta assim:

Quem me dera ir a Aveiro,
Nem que seja por um só dia.
Ser a vela de um moliceiro,
Nas águas da sua Ria.

Depois, ninguém querendo ficar atrás, cantou...cantou...até que a casa chegou. Eram prá aí, seis e dez...